



Por uma cultura de paz

**131. RedeUnaViva: Meditação Cristã 131 – paragem 6-311 –
19.03.2017**

JOÃO 7:14-24

SUSTENTAÇÃO DA AUTODEFESA

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como interpretar a consistente peça de autodefesa que Jesus apresenta no Templo?
2. Que modelo é oferecido por Jesus nesta ocasião?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como fazer valer o discernimento perfeito nos pórticos da meditação?

131.1 Introdução: Discurso no Templo.

Assistimos na MC passada duas cenas sobre a subida de Jesus para Jerusalém. A primeira, a caminho, numa aldeia da Samaria, onde ele e sua pequena comitiva, por terem aparência de judeus adversários, foram rejeitados. A segunda, informando o ambiente dividido daqueles que o procuravam pelas bandas do Templo. Uma parte contra. Ou seja, ao mesmo tempo, recusado por ser judeu e rechaçado pelos próprios. Mas não por todos os patrícios. Isto é o que veremos.

Na sequência, João o situa no centro religioso da Judeia, porém sem informar sobre sua chegada na cidade. A festança dos Tabernáculos já ia ao meio. Não introduz o teor do discurso proferido no Templo, mas o de uma segunda fala, motivada pela reação da plateia. Ele identificara dois tipos de ouvintes. Os sinceros que, na espontaneidade, reagiam com grande admiração, e os adversários, sorrateiros, acompanhando seus passos para flagrá-lo em qualquer desvio, fosse em palavras ou atos, que facultasse acusação de blasfêmia. Jesus percebia o movimento articulado e dissimulado daquele grupo. Mirando nessas pessoas é que ele emplaca seu segundo discurso. A surpresa dos seus admiradores com este conteúdo não impede sua



Por uma cultura de paz

continuação. Pelo contrário, aproveita para concluir uma sintética peça de autodefesa antecipada.

Conforme estudado, o Mestre sabia o que lhe aguardava em Jerusalém, vindo dos principais sacerdotes. A previsão do seu martírio já fora compartilhada com os apóstolos. É como, então, se dissesse aos seus perseguidores: “se quereis me condenar, refletai nos argumentos que ora lhes ofereço, porque precisareis *a posteriori* enfrentar outro julgamento, aquele que emergirá no imo das vossas consciências. Podereis ganhar aqui, no imediatismo dos poderes terrestres, eliminando o que considerais ser um estorvo para a continuação dos vossos desmandos e privilégios, mas não vos iludam, de retorno, amargareis as sofridas consequências dessa escolha”.

Brilha, mais uma vez, a lucidez imperturbável do Nazareno. Começamos a entender, através destes 11 versículos do capítulo 7 de João, o que Jesus foi fazer em Jerusalém, na Festa dos Tabernáculos.

131.2 Evangelho-parte 1: Jesus ensina no Templo (Jo)

João 7:14-15
14. Ora, estando a festa já em meio, Jesus ao Templo e ensinava.
15. E os judeus maravilhavam-se, dizendo: "Como sabe este as Escrituras sem ter aprendido"?

- | | |
|---|--|
| 1. Já ao meio da Festa dos Tabernáculos, no Templo, Jesus ensinava. | 2. Os judeus, maravilhados, reagiam: “Como sabe ele as Escrituras sem ter estudado na Escola Rabínica de Jerusalém”? |
|---|--|

131.3 Evangelho-parte 2: Jesus confunde e esclarece. (Jo)

João 7:16-19
16. Jesus respondeu-lhes e disse; "O meu ensino não é meu, mas daquele que me enviou;
17. se alguém quiser executar a vontade dele, saberá a respeito do ensino, se é de Deus ou se falo por mim mesmo.
18. Quem fala por si mesmo, busca sua própria doutrina; mas quem busca a doutrina daquele que o enviou, este é verdadeiro e nele não há desonestidade.
19. Não vos deu Moisés a lei? no entanto nenhum de vós executa a lei. Por que procurais matar-me?



Por uma cultura de paz

3. Retorna-lhes Jesus: “o meu ensino não é meu, mas daquele que me enviou.
4. Se alguém quiser executar a vontade dele, saberá a respeito do ensino, se é de Deus ou se falo por mim mesmo.
5. Quem fala por si mesmo, busca sua própria doutrina; mas quem busca a doutrina daquele que o enviou, este é verdadeiro e nele não há desonestidade.
6. Não vos deu Moisés a lei? No entanto, nenhum de vós executa a lei. Por que procurais matar-me”?

131.4 Evangelho-parte 3: Jesus contesta a conduta dos fariseus diante da lei. (Jo)

João 7:20-24
20. Respondeu o povo: "Tens espírito! Quem procura matar-te"?
21. Respondendo, Jesus disse-lhes: "Um só trabalho realizei, e todos vos maravilhaiis dele.
22. Moisés vos deu a circuncisão (se bem que ela não venha de Moisés, mas dos patriarcas) e no sábado circuncidais um homem;
23. pois bem, se um homem recebe a circuncisão no sábado para não violar a lei de Moisés, como ficais zangados comigo, porque no sábado eu tornei um homem inteiramente são?
24. Não julgueis segundo a aparência, mas julgai com discernimento perfeito".

7. Reagem, surpresos, seus admiradores: “Tens espírito! Quem procura matar-te”?
8. Retorna Jesus: “um só trabalho realizei, e todos vos maravilhaiis dele.
9. Moisés e vossos patriarcas vos deram a circuncisão e no sábado circundais um homem;
10. Pois bem, se um homem recebe a circuncisão no sábado para não violar a lei de Moisés, como ficais zangados comigo, porque no sábado eu tornei um homem inteiramente são?
11. Não julgueis segundo a aparência, mas julgai com discernimento perfeito”.

131.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como interpretar a consistente peça de autodefesa que Jesus apresenta no Templo?

Pasmam admiradores e adeptos sobre a fonte (não tradicional) do conhecimento de Jesus. Por ter vivido na periferia do grande centro religioso do judaísmo, não frequentara a Escola Rabínica de Jerusalém. Como explicar, então, tamanho desembaraço com as Escrituras. Como fora seu aprendizado? Não sabiam os simples que o Cristo estivera por trás de todos aqueles grandes eventos históricos, desde os soberanos patriarcas – Noé, Abraão, Moisés – até o último dos profetas.



Por uma cultura de paz

Assistindo toda a linhagem dos notáveis, como intermediário máximo, constituía prova de que Deus não abandonara o povo responsável pela criação da cultura monoteísta na Terra. Na esteira do tempo, a manutenção desta concepção, apesar de todos os enganos, divisões e pelepas, ensejou amadurecimento suficiente para receberem nesse momento o Cristo. Prontificaram-se para recebe-lo, sem que isto significasse aptos para aceita-lo e assimila-lo. Mas, orientando e inspirando os profetas estivera o Cristo, no plano espiritual. Não fora apenas testemunha, mas protagonista vivo, considerando a interação direta e estreita entre os dois planos. Mais do que natural que ele não precisasse ter estudado a Escritura, através das formalidades da Terra, para discorrer sobre ela com desenvoltura. Em vários momentos deu mostra deste conhecimento, citando profetas e integrando a Tradição nos seus ensinamentos. É provável que um fato desta categoria acabara de acontecer, justificando tamanha admiração da plateia.

Jesus inclui na sua resposta duas informações. A primeira responde diretamente a arguição dos adeptos. Que a lição da hora não é dele, mas daquele que o enviou. Adiciona como esta assertiva pode ser comprovada – o investigador precisa querer executar a vontade de Deus. Porque, assim, realizando a vontade de Deus, descobrirá que a obra consequente não pertence à criatura, mas ao Pai. Não vem do ego, mas do Ser. Está implícito: tornando-se Deus, também ensinará as mesmas lições que Jesus transmite. Estas serão diferentes das concepções que sua limitação pessoal alimenta. O ego fala daquilo que como tal concebe. Enquanto aquele que dissolve sua condição egoica, esse faz jorrar, através de si, a luz divina. Quem assim proceder, comprovará não haver em Jesus qualquer desonestidade. Esclarece a inconsequência da perseguição orquestrada, e, com isto, prepara o Mestre a passagem para a segunda informação. Se assim agirem, estarão contrariando o decálogo de Moisés – “não matareis”. Tal alusão choca seus afins por considerarem-na impertinente. Não se importa. Prossegue construindo sua peça de autodefesa. De novo, em comunhão com Deus, isto é, na *unidade*, realiza *um único* trabalho, o de Deus. A marca desta comunhão é o *amaravilhamento* do povo com sua obra. Continua, com mais um argumento: a circuncisão não é da lei divina. Foi prática instituída como norma organizadora, a fim de selar, através de uma marca no corpo do homem (está em vigência o patriarcado) a fidelidade do povo com Deus. Deus, através dos seus mensageiros, não pediria isto. A prova disto é que em nenhum momento Jesus estabeleceu tal medida como ato a ser praticado na sua *Iglesia*. O tema constituirá celeuma intensa nos primeiros tempos do Cristianismo, tendo em Thiago um defensor e em Paulo um combatente. Pois bem, se a circuncisão, praticada para não quebrar uma medida humana da Tradição, acontece no sábado, porque se indignam comigo, que não tiro um pedaço do corpo do homem nesse dia, mas o restituo à sua inteireza e higidez? – interroga o Mestre. E conclui com um precioso aforismo: “não julgueis pela aparência, mas o fazeis usando o discernimento perfeito. Alcancem a presença da glória de Deus na cura.



Por uma cultura de paz

Está posta a sua defesa previamente. “Antes de darem cabo no que pretendem fazer, pensem nisso”.

2. Que modelo é oferecido por Jesus nesta ocasião?

O Cristo Jesus é modelo do Dinamismo do Amor e da Sabedoria. Não veio ensinar as passagens gradativas para se chegar lá. Por se encontrar nesta condição, deixou brilhar sua luz e esta conduziu seus gestos e palavra. Veio praticar o batismo de fogo. Alguns filhos de Deus aceitam-no por quererem entrar no Reino logo, num ato único, radical e libertário. É preciso audácia e determinação. “Vinde a mim...”, entregue-se a ele; “Eu sou o caminho...”, prontifique-se para dar os próximos passos; “Deixa os mortos...”, não olhe para trás, afaste-se da nostalgia por pedras de brilho terrestre. A gema é outra, cintila no coração como paz e amor.

O Cristo Jesus é modelo do Dinamismo do Amor e da Sabedoria. Ensinou e expôs uma conduta que, solfejada no adepto, fá-lo entranhar-se num percurso muito singular em direção da fonte crística interna, de onde emerge o mesmo. Enquanto isso não ocorre, assistimos emergir de nós a luz esmaecida, fraca por ter sido refratada nos tecidos anímicos e densos do ego.

Há o Ser e há o ego. O espírito crístico e a personalidade humana.

O querido galileu oferece a receita de como chegar lá. Era de se esperar que a oferecesse como parte do mergulho de fogo que veio facultar. Na lição do Pão Vivo (MC-100) já dispusera tal indicação, com leve diferença. Aqui: “o meu ensino não vem de mim, mas daquele que me enviou; **se alguém vier executar a vontade dele** (daquele que me enviou), saberá a respeito deste ensino, saberá se ele vem de mim, de uma personalidade – acaso acrediteis que sou apenas Jesus, o filho do carpinteiro?! – ou do Filho do Homem. A distinção entre os dois é esta: aquele que se identifica com a personalidade, quando fala, expõe suas convicções, expressa doutrinas pessoais, mas aquele que busca a doutrina de quem me enviou, este expõe as leis de Deus. E se este, assim asseverar, estará sendo verdadeiro. É o que acontece com o Filho do Homem”. Embora haja mudanças do texto original, este é o sentido da comunicação que distingue a personalidade da individualidade, o ego do Ser. Lá, na lição do Pão Vivo, após indicar como alternativa de ficar trabalhando para se obter o alimento transitório do corpo, a opção de trabalhar para adquirir o pão estável da vida imanente, precisou responder à pergunta, “**que faremos para realizar as obras de Deus**”? um sucedâneo de outra pergunta mais elementar e afim com o diálogo iniciado, “**como trabalhar para conquistar este pão estável**”? Ou seja, realizar as obras de Deus é trabalhar para ter o pão da vida imanente. Mas como fazer este trabalho? Ensina o próprio Cristo: “o primeiro passo é acreditar naquele que ele enviou, isto é, no Filho do Homem. Poderiam os mais desavisados ou céticos retornarem: “mas como iremos em ti acreditar”? Não tinham saída. Estavam ali porque já acreditavam nele, e acreditavam



Por uma cultura de paz

porque viram sua obra. Acabara de acontecer a primeira multiplicação dos pães. Outras obras (de Deus) maravilhosas já haviam acontecido. O Cristo desceu, encarnou, para fazer estas demonstrações, do que pode o homem, que tem Deus a lhe soprar a vida imanente, fazer. A crença não deveria ser cega, baseada em promessas de uma vida futura, depois da morte. Deveria se assentar nas demonstrações da comunhão com Deus pela natureza das obras que sua própria vida demonstrava. Na ocasião atual, ali no Templo, na vigência da Festa dos Tabernáculos, o lembrado era a cura que praticara meses antes nesse mesmo sagrado local, no sábado pascoal.

Então, primeiramente disse que realizassem a obra de Deus para obterem o Pão Vivo, e agora, que executassem a vontade de Deus, que são indicações similares, para que provassem em si próprios que suas palavras são verdadeiras. E estava ele ali, vivo, como intermediário a ensinar como realizar esta obra-prima. Estava como modelo divino e não humano. Hoje temos suas palavras como caminho, trilha para Dinamismo do Amor e da Sabedoria. Internalizar-se para absorvê-las, e externalizar-se para concretizar na Terra a obra libertadora.

131.6 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como fazer valer o discernimento perfeito nos pórticos da meditação?

Ensinaste, querido Amigo, “trabalhai, primeiro, para obter o pão estável da vida imanente”. E, para realizar, pois, esta obra, que é de Deus, falaste, “acreditai naquele que ele enviou”, isto é, no Filho do Homem. Tenho fé, digo. Deve ser fruto de peregrinações pretéritas pelas cercanias do Reino, pois que a crença em ti palpitou cedo na atual existência. Pavimentada em experiências passadas foi fortalecida pela racionalização ajustada que tu nos ensejaste, de novo, recente, há quase dois séculos, através da Doutrina dos Espíritos. Sou grato, muito grato, já que a fé serve de esteio firme para a ancoragem em tempos de borrasca. Mas não só. Serve também para entrar no reino dos céus. Louvado seja.

Ofertaste, agora, nova pérola: “o teu ensino pode ser verificado como verdadeiro por aquele que se dispuser, com sinceridade e dedicação, vencendo as vicissitudes do caminho, a realizar a vontade do Pai”. Aliás, entendo, é superando as adversidades que tenho condições de praticar a vontade de Deus. Ou, até o contrário, num círculo virtuoso, realizar a vontade de Deus é me dispor a encarar os desafios como meio adequado de pôr esta vontade em ação. Não devo me queixar das dificuldades que o cotidiano me impõe, porque através dele vêm os presentes da vida, aqueles que me obrigam a sair do leito onde o espírito se paralisa. Tal como o homem que curaste no Portal das Ovelhas. Vencendo os problemas diários é que me habilito a concretizar a obra de Deus, a cumprir sua vontade magnânima. Tens dito e tenho ouvido, no fundo da minha alma. As graças se fazem.



Por uma cultura de Paz

Tenho de provar no coração a veracidade dos teus ensinamentos para testemunhar por mim. Isto, para que minha palavra não seja a vocalização de teorias pessoais, mas a transmissão da verdade que liberta.

Sair do ego para me transferir para a pátria sem fronteiras, da bem-aventurança, cujos clarins do novo alvorecer já tocam. É nos detalhes que ela se apresenta. Basta o exercício do amor para ser tocado. O compromisso com o chamado, que se faz nítido nas obrigações naturais. Dispor-me a realizá-las entendendo-as como a obra de Deus. A obra de Deus pode também ser compreendida como o gesto, a palavra, que favorecem o outro a ser tocado para a disposição da gentileza, da solidariedade e da compaixão. O companheiro de jornada é assim tocado quando estas virtudes se apresentam no seu círculo íntimo. Portanto, se fazem necessários os instrumentos de Deus. Bendito aquele que se propõe a.

Não devo permanecer com criações que circulam na esfera mais superficial dos comezinhos, já que aí reside a aparência da vida. Sua essência, para ser descoberta, carece de penetração. Visita a outras dimensões de mim mesmo e da vida. Para isto, careço de construir fora, onde troco com os companheiros, e dentro, para onde me transfiro no momento de prece e meditação.

E os conteúdos destes campos devo analisar, julgar, com perfeito discernimento. Outro treino, cujos parâmetros já nos legaste. Se aprendo a distinguir pela essência e não pela aparência, encontro ouro onde parece haver apenas cascalho, e as pedras de brilho falso dispenso-as, por economia de ação. Urge a necessidade, para mim, sim, de adentrar as terras do Reino. Não devo me ocupar com aquilo que pelo tempo ou pelo desengano serei instado a abandonar. Mas com aquilo que, mesmo sendo passageiro, se apresenta como oportunidade de construções perenes. São passageiras nossas relações, mas construímos, através delas, a ponte de entrada no reino de Deus.

131.7 Versículo(s) para a meditação: João 7:16-19

16. Jesus respondeu-lhes e disse; "O meu ensino não é meu, mas daquele que me enviou;

17. se alguém quiser executar a vontade dele, saberá a respeito do ensino, se é de Deus ou se falo por mim mesmo.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 132 – paragem 312 – 26.03.17
JOÃO 7:25-36